

Epistemologia da Interculturalidade e a Formação Inicial de Professores: o caso de imigrantes latino-americanos

Epistemology of Interculturality and Teacher Education: the Case of Latin American Immigrants

Epistemología de la Interculturalidad y la Formación Inicial del Profesorado: el caso de los inmigrantes latinoamericanos

Marcia Paraquett*

*Universidade Federal da Bahia, UFBA, Salvador - BA, 40170-115,
 e-mail: marciaparaquett@gmail.com

RESUMO: A proposta do artigo é procurar compreender os fluxos migratórios que ocorrem atualmente na América Latina, dando destaque ao caso dos bolivianos e venezuelanos que emigram ao Brasil. A escolha pela temática se explica pela importância dessa discussão em ambiente de aprendizagem de línguas (Espanhol) e formação profissional, na medida em que os marcos legais que regem a formação de professores no Brasil se orientam pela concepção de uma “educação inclusiva através do respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, entre outras”. (BRASIL, 2015, p.6). Por isso, a Epistemologia da Interculturalidade se oferece como base teórica e filosófica adequada, conforme sugerem alguns dos autores latino-americanos, dos quais destaco Catherine Walsh, Silvia Rivera Cusicanqui e Walter Mignolo. Ao analisar o sujeito imigrante que chega ao Brasil, fica evidente que se trata de pessoas que pertencem a classes subalternizadas historicamente, conforme é o caso dos negros e dos indígenas. Essa percepção evidencia a estreita relação entre os problemas dos povos imigrantes e os interesses da formação de professores, assim como se adequa perfeitamente ao objeto de interesse da Interculturalidade e da Linguística Aplicada, áreas que orientam minha ação profissional e acadêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Imigração; Interculturalidade; Formação de Professores.

ABSTRACT: The proposal of this article is to understand the migratory flows currently occurring in Latin America, highlighting the case of Bolivians and Venezuelans emigrating to Brazil. This topic was chosen for its importance in the discussion about language learning environments (Spanish) and professional development, in that legal frameworks dictating teacher education in Brazil are guided by the concept of an “inclusive education through respect for difference, acknowledging and valuing ethno-racial, gender, sexual, religious, and age diversity, among others.” (BRASIL, 2015, p.6). For this reason, the Epistemology of Interculturality is offered as a theoretical basis and appropriate philosophy, as suggested by certain Latin American authors, of which I focus on Catherine Walsh, Silvia Rivera Cusicanqui and Walter Mignolo. In analyzing the immigrant subject arriving to Brazil, it is apparent that they are people from historically subalternized classes, as in the case of black and indigenous groups. This perspective illustrates the close relationship between immigrant populations’

problems and teacher education interests, just as interest in Interculturality and Applied Linguistics, fields that guide my professional and academic work, fits perfectly as well.

KEY WORDS: Immigration; Interculturality; Teacher Education.

RESUMEN: La propuesta del artículo es buscar comprender los flujos migratorios que ocurren ahora mismo en América Latina, dando atención al caso de los bolivianos y venezolanos que emigran a Brasil. La elección por la temática se explica por la importancia de esa discusión en ambiente de aprendizaje de lenguas (Español) y la formación profesional, en la medida en que los marcos legales que rigen la formación del profesorado en Brasil se orientan por la concepción de una “educación inclusiva a través del respeto a las diferencias, reconociendo y valorando la diversidad étnico-racial, de género, sexual, religiosa, de generación, entre otras” (BRASIL, 2015, p.6). Por ello, la Epistemología de la Interculturalidad se ofrece como base teórica y filosófica adecuada, como sugieren algunos de los autores latinoamericanos, de los cuales destaco Catherine Walsh, Silvia Rivera Cusicanqui y Walter Mignolo. Ao analizar el sujeto inmigrante que llega a Brasil, queda evidente que se trata de personas que pertenecen a clases subalternizadas históricamente, como es el caso de los negros y de los indígenas. Esa percepción evidencia la estrecha relación entre los pueblos inmigrantes y los intereses de la Interculturalidad y de la Lingüística Aplicada, áreas que orientan mi acción profesional y académica.

PALABRAS-CLAVE: Inmigración; Interculturalidad; Formación del Profesorado.

*À memória de meu avô libanês,
que também foi imigrante em algum momento da história da humanidade.*

Para compreender as questões que envolvem os atuais fluxos migratórios em nosso Continente e problematizá-las nas discussões inerentes à formação inicial de professores de Espanhol, valho-me da Epistemologia da Interculturalidade, da maneira como se está dando em nosso Continente Latino-americano. Vale registrar que nas duas últimas décadas, o termo Interculturalidade vem ganhando destaque nas discussões efetuadas em ambientes acadêmicos de diferentes áreas e universidades, impondo sentidos nem sempre similares, embora cada vez mais haja certa conciliação entre todos que nos dedicamos a entendê-lo. Na América Latina de recorte hispânico, contexto que priorizo em minhas pesquisas, ele está associado, mais especificamente, a questões étnicas que envolvem indígenas e afro-latinos. Por aqui também se encontram discursos em defesa de uma Epistemologia Des-colonial, que sugere a legitimação de nossas vozes e o desligamento (ou abrandamento) das vozes do Norte, (Europa e Estados Unidos), que até então tentam falar por nós. Na área dos Estudos Literários faz tempo que essa polemização se abrandou, mas os da Linguística Aplicada ainda precisamos nos impor como sujeitos autônomos de nossas epistemes.

Dentre as muitas vozes que legitimam a produção epistêmica em nosso Continente, encontram-se três críticos renomados, que privilegio em minhas reflexões: Catherine Walsh, professora do Centro de Estudos Culturais Latino-americanos da Universidade Andina Simón Bolívar (Equador); Silvia Rivera Cusicanqui, socióloga *aimara* e professora da Universidad Mayor de San Andrés (Bolívia) e Walter Mignolo, semiólogo argentino e professor na Universidade de Duke (Estados Unidos). O lugar de fala desses pensadores comprova a importância da descolonização dos discursos científicos, na medida em que são vozes latino-americanas ou da América Latina que estão deslocando as epistemologias até então canonizadas.

Os primeiros aspectos relevantes estão na nacionalidade, no gênero, no pertencimento étnico e no lugar de fala acadêmico que ocupam esses estudiosos. Walsh nasceu nos Estados Unidos, mas desenvolve sua pesquisa há muitos anos no Equador e em outros países da América Latina. Walter Mignolo, que nasceu na Argentina, fala a partir dos Estados Unidos, Universidade de Duke, onde está desde 1993. Silvia Rivera Cusicanqui nasceu na Bolívia e se autodeclara *aimara*, falando, portanto, a partir da América Latina e como indígena. Chamo a atenção para esses dados, não porque defenda que o direito de fala esteja limitado aos que se identificam com aquele grupo sociocultural, mas porque essa discussão é relevante e me leva a deixar claro o meu posicionamento como mulher branca latino-americana.

Ribeiro (2017) chama a atenção para a confusão que se costuma fazer entre lugar de fala e representatividade. De maneira muito didática, diz que “Uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas e travestis a partir do lugar que ele ocupa” (p.83). Ou seja, a partir do lugar que eu ocupo, me conecto com Silvia, porque ambas somos mulheres e latino-americanas, embora eu me autodeclare branca e ela indígena. Estou também ligada a Catherine, porque somos brancas e mulheres, mas enquanto eu sou latino-americana, ela é estadunidense de nascimento. Com Mignolo, minha conexão se dá porque somos brancos e latino-americanos, mas ele fala como homem e eu como mulher. Portanto, não há de minha parte nenhuma pretensão de impor uma epistemologia da ‘verdade’ e nem de representatividade, mas convidar os possíveis leitores a refletirem comigo sobre nossas formas de ser e de produzir conhecimento, seja como mulheres, homens, brancos, indígenas ou negros, mas sempre como latino-americanos.

Catherine Walsh ressalta que:

[La] Interculturalidad tiene una significación en América Latina y particularmente en Ecuador, ligada a las geopolíticas de lugar y de espacio, a las luchas históricas y actuales de los pueblos indígenas y negros, y a sus construcciones de un proyecto social, cultural, político, ético y epistémico orientado a la descolonización y a la transformación (2006, p.21).

Por sua vez, Silvia Rivera Cusicanqui defende que os índios bolivianos fazem parte da modernidade e que são “Oprimidos pero no vencidos” (2010), título de um de seus importantes livros. Walter Mignolo, por sua vez, observa que “el giro des-colonial [...] propone cambiar los términos y no solo el contenido de la conversación. Pensar desde categorías de pensamiento negadas: desde la corporalidad del cuerpo negro, la homosexualidad, las lenguas exóticas [...]” (2006, p.18).

Considerando que meu foco sempre está na aprendizagem de línguas e na formação inicial de professores, associo essas perspectivas interculturais ao que requer o marco legal no que tange ao meu contexto de atuação, não podendo, portanto, desvincular minhas reflexões da Resolução Nº 2/2015 do Conselho Nacional de Educação, em especial, o Art. 5º e seu Inciso VIII¹.

Além da conciliação entre a concepção de Interculturalidade e as orientações legais, minha reflexão teórico-metodológica se vincula à Linguística Aplicada, entendida como “uma [inter]disciplina que compreende as linguagens em uso e que está atenta às diferenças e às semelhanças que nos constituem como sujeitos complexos, fluidos e contraditórios” (PARAQUETT, 2012, p.238).

O que pretendo, em última instância, é contribuir para o pensamento des-colonial latino-americano, aproximando-o de práticas pedagógicas interculturais, ou seja, aquelas que buscam envolver professores e estudantes em questões de identidades étnicas, de gênero e sexualidades, conforme querem a Linguística Aplicada e a legislação brasileira, no que concerne à formação inicial de professores.

Como linguista aplicada, já aprendi que a produção do conhecimento (epistêmica, portanto) se dá através da observação das linguagens em uso. É a prática, o

¹ Art. 5º - A formação de profissionais do magistério deve assegurar a base comum nacional, pautada pela concepção de educação como processo emancipatório e permanente, bem como pelo reconhecimento da especificidade do trabalho docente, que conduz à práxis como expressão da articulação entre teoria e prática e à exigência de que se leve em conta a realidade dos ambientes das instituições educativas da educação básica e da profissão, para que se possa conduzir o(a) egresso(a):

VIII - à consolidação da **educação inclusiva** através do respeito às diferenças, reconhecendo e valorizando a diversidade étnico-racial, de gênero, sexual, religiosa, de faixa geracional, entre outras; (BRASIL, 2015, p.6, grifo meu)

vivido e o uso que permitem a pesquisa científica, materializada de diversas maneiras, inclusive através do discurso, como se dá em nossa área. Minha produção científica, portanto, é a produção de meu discurso sobre o que vejo, o que escuto, faço ou leio. As interações das quais participo, nos diversos ambientes que frequento (reais ou virtuais), são a base para minha produção discursivo-científica. O que vejo e escuto na sala de aula me leva a buscar saídas, a melhorar minha prática e, também, a produzir discursos que possam aliviar a caminhada de outros professores que virão depois de mim. Não que minha experiência seja a deles, mas pode ajuda-los a comparar com a sua própria experiência e a encontrar novos discursos, que, por sua vez, poderão fazer eco em outras novas experiências. Foi assim que o discurso do Norte se impôs e só assim o discurso do Sul, o nosso discurso, será o Norte, nem que seja para nós mesmos. Sou, portanto, defensora de uma Epistemologia do Sul, valendo-me dessas expressões cardeais apenas para a orientação de minha fala. Afinal o Norte e o Sul podem ser o mesmo lugar, a depender de quem os olha e os nomeia.

Nesse sentido, é impossível não me lembrar de Joaquín Torres-García (1874-1949), com o seu *Mapa Invertido da América do Sul*, cuja primeira versão data de 1937 e que serviu ao artista como capa de seu livro *Estructura*, onde defendia e exaltava uma cultura própria da América do Sul. Mas a versão mais famosa é a de 1943, feita para compor as atividades de um *Taller*, oferecido por ele naquele ano.



De certa forma, a proposta de Torres-García pode ser entendida como antimigratória, pois o artista se preocupava com a valorização de ideais locais, ao mesmo tempo em que sugeria que fôssemos nosso próprio Norte, em lugar de vê-lo na Europa ou [diria eu agora] nos Estados Unidos. Lamentavelmente, a história tem

comprovado que o projeto de Torres-García ainda não tomou corpo, exigindo-nos permanente atenção para que não seja apenas mais uma utopia latino-americana.

Mas voltando ao que dizia antes, ressalto que minhas interações socioculturais não se restringem à sala de aula. Ao contrário é para lá que levo as aprendizagens e as inquietações de outras interações. Pensemos na televisão, por exemplo, esse espaço que reúne virtualmente milhões de pessoas ao mesmo tempo. As questões ali postas são frequentemente retomadas nos ambientes de aprendizagem formal, seja porque houve uma notícia que impactou aquela comunidade; seja porque se quer discutir sobre alguma telenovela, essa espécie de literatura pop para os menos letrados; seja porque é naquele mundo que vivem pessoas que nos parecem próximas e que, por isso, nos autorizamos a comentar sobre suas vidas, como se dividíssemos o mesmo teto. Nessas interações virtuais rola de tudo: indignação, emoção, preconceito, injúria. E cada um, a partir de sua história, vai ser tocado por personagens ou fatos que lhe digam respeito.

E são muitos os fatos que me inquietam no momento, mas privilegio as notícias que revelam a desumanização com que são tratados os imigrantes e os refugiados da contemporaneidade. Esse mal estar me leva a ficar atenta ao que se produz em termos de linguagens estéticas, midiáticas ou ensaísticas, que sejam próprias à interação de aprendizagem de línguas. Mas talvez seja otimismo de minha parte, sugerir que professores em formação inicial estejam atentos aos problemas gerados pelos fluxos migratórios, quando ainda precisam ocupar-se do racismo contra negros e indígenas; da violência que mulheres continuam sofrendo; ou da perseguição aos homossexuais, transexuais e transgêneros.

Mas não se trata de otimismo. No meu ponto de vista, refletir sobre nossa responsabilidade quanto à entrada e saída de pessoas de territórios nacionais, é nos ocuparmos dos problemas de racismo e desumanidade, que tendem a avolumar-se, se não estivermos atentos desde agora. Nossos jovens alunos em formação inicial serão os professores dos próximos quarenta anos, como alguns de nós o fomos. O racismo, que as imigrações ou as diásporas provocam, precisa ser combatido veementemente. Lembremos-nos de que o Brasil, como nação autônoma, tem uma história de receber imigrantes europeus, notadamente a partir do século XIX, assim como é uma nação de emigrantes, que saem de nosso país por diferentes razões, entre as quais destaco duas: a perseguição política sofrida durante os processos ditatoriais e a busca pelo *El Dourado* do Norte.

Com certa frequência estamos acompanhando na grande mídia brasileira as notícias que circulam sobre a imigração de venezuelanos no norte de nosso país, mais especificamente em Roraima. Assim como sempre há notícias sobre algum fato que afete bolivianos, haitianos e tantos outros imigrantes que acorrem para a principal cidade brasileira: São Paulo.

No caso dos haitianos, a socióloga Roberta Peres revelou em pesquisa realizada em 2015 pelo Núcleo de Estudos de População (NEPO) da Universidade Estadual de Campinas que “o Brasil está deixando de ser um país de destino para ser uma etapa de trânsito, ainda que demorada, para os Estados Unidos, para onde a maioria disse que gostaria de ir” (PERES *apud* FIORAVANTI, 2015, p.18). Na mesma pesquisa, a socióloga Rosana Baeninger constatou que “Em várias cidades brasileiras os haitianos ainda são oprimidos pelos moradores locais” (BAENINGER *apud* FIORAVANTI, 2015, p.16), o que confirma o quanto estamos despreparados para receber imigrantes que precisem sair de seus países de origem.

A pesquisa do NEPO constatou, ainda, dois aspectos muito relevantes: o primeiro diz respeito ao destino dos imigrantes no Estado de São Paulo, que até início de 2000 era quase exclusivamente a capital, enquanto agora imigram para cidades do interior (Piracicaba, Limeira, Campinas, Jundiaí e Santa Fé do Sul) devido aos investimentos internacionais em agropecuária e na indústria. O segundo aspecto foi a constatação de que nos últimos dez anos, a onda migratória está formada por bolivianos, peruanos e outros povos hispano-americanos, além dos haitianos, senegaleses e congolezes, que levam para o principal Estado brasileiro, indígenas que falam espanhol ou negros que falam francês ou crioulo. Segundo a pesquisa e para Roberta Peres,

[...] o distanciamento do padrão histórico branco europeu, a ausência de uma necessidade explícita da mão de obra estrangeira e a escassez de políticas públicas locais, estaduais e federais que promovam a interação social dos imigrantes do século XXI geram o distanciamento em relação ao outro e as reações de hostilidade. (PERES, *apud* FIORAVANTI, 2015, p.18)

Diante das dificuldades na obtenção de trabalho, que tem caído desde o final das obras da Copa de 2014, muitos imigrantes têm preferido ir para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas esbarram nos problemas que o país está vivendo, no âmbito político e econômico, além do crescente fluxo de refugiados sírios que entram no Brasil diariamente. O cenário não é promissor e é possível que alguém se pergunte se não seria

necessário resguardar as vagas de trabalho para os que nascem nos países que recebem os imigrantes. Talvez, para algumas pessoas, esses imigrantes estejam dividindo as poucas oportunidades que têm os nativos mais pobres. Já escutei uma professora em formação inicial me dizer que não achava justo que um haitiano tivesse inscrição no Programa de Bolsa Família, pois estaria levando para sua casa os alimentos que são, por direito, segundo ela, de uma família brasileira.

Na verdade, eu não trago soluções, mas muitos questionamentos e a certeza absoluta de que esses são problemas que me afetam como cidadã brasileira e mundial, e que por isso devem ser discutidos na sociedade, onde a escola talvez guarde o papel de protagonista. Em nosso país, o apoio legal é muito precário, pois temos apenas o Estatuto do Estrangeiro (1980) e Estatuto do Refugiado (1997), que assegura o direito ao registro do estrangeiro.

Apesar das dificuldades, os imigrantes estão conquistando seus espaços, impondo suas culturas em feiras públicas, lanchonetes, docerias, *lan houses*. Ou mesmo na produção estética, conforme é o caso de dois grupos de *Hip Hop*: *Mil 8 Crew* e *Santa Mala*. O primeiro é constituído por jovens bolivianos ou filhos de bolivianos, enquanto o segundo, *Santa Mala*, é um trio de irmãs, que saiu da produção têxtil, mercado de trabalho mais abrangente para mulheres imigrantes da Bolívia. Afinal, segundo as MCs, *Hip hop também é costura*².



Mil 8 Crew



Santa Mala

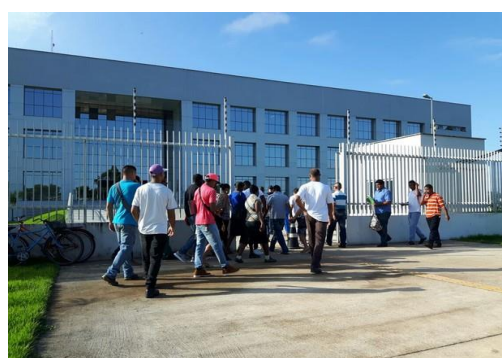
Oliveira e Baeninger, em seus estudos sobre a imigração boliviana no Brasil, observam, como não poderia deixar de ser, que há uma diferença entre os imigrantes de primeira e segunda geração. Os primeiros chegam para voltar, enquanto os segundos querem ficar; os primeiros são cidadãos bolivianos e os segundos, brasileiros. Isso muda a relação entre as culturas de origem e as locais, pois a primeira trabalha pela

² Extraído de <http://www.radiolaurbana.com.br/costurando-rimas-e-a-vida2/>, com acesso em 31/05/2016.

manutenção de suas tradições, enquanto a segunda vai escolher que práticas culturais quer adotar. Mas, segundo as autoras,

[...] pouco se conhece sobre a realidade da segunda geração [...]. Na cidade de São Paulo, a segunda geração da corrente imigratória de latino-americanos para o país é presença marcante nas regiões centrais da cidade, principalmente nas escolas públicas, que chegam a ter até 50% dos seus alunos de origem estrangeira. Mas apesar disso, pouco se sabe sobre essas crianças e adolescentes, tanto em termo quantitativos como em termos qualitativos (OLIVEIRA; BAENINGER, 2012, p.186).

No momento, chegam os venezuelanos para juntar-se a essa imensa população de imigrantes que precisamos receber. Por razões estratégicas, não é para o sul do país que esse grupo está indo, mas para Roraima, devido à proximidade de fronteiras. Gostaria de chamar a atenção para algumas fotos que retirei de dois jornais que circulam no Brasil: *O Globo* e *El País*. As duas primeiras são de *O Globo* e ressaltam o momento em que “Venezuelanos se refugiam no Brasil” ou que “Venezuelanos aguardam para entrar na sede da superintendência da PF”. Nas duas notícias, os imigrantes são denominados “venezuelanos”, numa conformação genérica marcada pela nacionalidade. *El País*, no entanto, os nomeia diferentemente: “Indígenas venezuelanos no abrigo improvisado” ou “Imigrantes indígenas venezuelanos em Pacaraima”. Portanto, segundo o jornal espanhol, não são quaisquer venezuelanos que estão chegando ao Brasil, mas os imigrantes indígenas.



**Venezuelanos se refugiam no Brasil para fugir da crise econômica³ /
 Venezuelanos aguardam para entrar na sede da superintendência da PF, em Boa Vista⁴**

³ Foto: Jornal Nacional. <http://redeglobo.globo.com/redeamazonica/roraima/noticia/2016/08/migracao-de-venezuelanos-para-rr-e-destaque-no-jornal-nacional.html>. Acesso em 13/10/2016.

⁴ Foto: Emily Costa. <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2016/07/em-7-meses-n-de-pedidos-de-refugio-de-venezuelanos-cresce-110-em-rr.html>. Acesso em 13/10/2016



**Indígenas venezuelanos no abrigo improvisado em Boa Vista⁵ /
Imigrantes indígenas venezuelanos em Pacaraima⁶**

Na edição de 07/11/2017, com reportagem de Érica Figueredo, o Jornal Nacional da Rede Globo noticiou que Pacaraima inaugurou o primeiro abrigo para refugiados venezuelanos da cidade, com capacidade para duzentas pessoas e que já começava a funcionar lotado. Em resposta à notícia, três leitores-ouvintes, fizeram comentários que chamam minha atenção:

Antonio Alves

O que é que nós brasileiros temos haver (*sic*) com índios venezuelanos??? ou melhor com qualquer venezuelano, afinal foram eles que elegeram os comunistas em troca de bolsa esmola local, agora que paguem a fatura!!!

Ricardo Marques

E para os moradores de rua brasileiros ?????? Não está havendo guerra na Venezuela p serem refugiados !!!!! Se duvidar, muitos são a favor do Maduro!!! Voltem p lá e lutem por um País melhor p vcs !!!!!

Jorge Nunes

Mais essa. E abrigo para os milhares e milhares de sem teto no Brasil, não vão arrumar também? Isso foi criação do Chaves e do Maduro, ambos amigos íntimos do sapo barbudo do Brasil.⁷

Esses comentários mereceriam uma discussão à parte e comprovam que a imigração afeta diversas áreas, incluindo a político-partidária. Mas prefiro chamar a atenção para o fato de que os imigrantes são os pobres do planeta. E que os pobres são

⁵ Foto: Leonardo Costa. http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/11/politica/1489198020_742697.html. Acesso em 12/03/2017

⁶ Foto: Leonardo Costa. http://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/11/politica/1489193658_888279.html. Acesso em 13/03/2017

⁷ <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2017/11/cidade-na-fronteira-com-venezuela-inaugura-abrigo-para-refugiados-venezuelanos.html>. Acesso em 07/11/2017.

indígenas e negros⁸. É fácil também concluir que a imigração contemporânea não se difere das ocorridas no século XIX, pois os principais motivos continuam sendo a fome e a busca pelo trabalho. Movida pelos meus objetivos, quero destacar um aspecto que nos diz respeito mais de perto, perguntando se há escolas para os filhos dos imigrantes? Se a escola brasileira está preparada para recebê-los? Se estamos produzindo pesquisas que nos ajudem a recebê-los como sugere a educação intercultural? Para tentar respondê-las, trago algumas informações.

Em fevereiro de 2014, na 4ª Reunião do Comitê de Fronteira Brasil/Guiana, ocorrido em Lethem, discutiu-se a criação de uma Escola Intercultural Bilíngue de Fronteira⁹, a ser implantada em Roraima, mas que até o momento não saiu do papel. Naquela mesma reunião, na qual estiveram presentes representantes dos Ministérios das Relações Exteriores dos dois países, também se discutiu a instalação de um Centro de Atendimento à Mulher Vítima de Violência em Bonfim (cidade fronteiriça), similar à unidade implantada entre o Brasil e a Venezuela no município de Pacaraima. Mas também não se têm notícias do avanço dessas negociações que poderiam estar ajudando aos imigrantes venezuelanos.

Ao contrário, duas universidades internacionais que funcionam no Brasil estão passando por momentos delicados de corte de verba, cenário que atinge as universidades públicas de um modo geral. Refiro-me à UNILA (Universidade Federal da Integração Latino-americana), fundada em 12 de janeiro de 2010 e sediada em Foz do Iguaçu, região da tríplice fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai; e a UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira), fundada em 20 de julho de 2010 e sediada na cidade de Redenção, Ceará, escolhida por ter sido a primeira cidade a abolir a escravidão no Brasil. A UNILA, em especial, vem cumprindo uma missão importante de receber estudantes universitários de países hispano-americanos, propiciando formação profissional bilíngue, no propósito de atender interesses já expressões desde 1991, através do Tratado de Assunção, que gerou o que se conhece como MERCOSUL. Mas a coisa está emperrada e temo que haja regressões, caso não mudemos o cenário político nacional, avesso às relações com os demais países da América Latina, como se acompanha nas redes sociais e em mídias alternativas.

⁸ Seria oportuno conhecer a imigração que se dá no Mar Mediterrâneo, especialmente, a que ocorre entre Marrocos e Espanha, quando a totalidade dos imigrantes é negra. Mas por tratar-se de território Europeu, não a privilegiei nessas reflexões, embora já o tenha feito em outras ocasiões.

⁹ Informação recolhida em <http://g1.globo.com/rr/roraima/noticia/2014/02/escola-intercultural-bilingue-de-fronteira-deve-ser-implantada-em-rr.html>. Acesso em 25/11/2017.

No caso dos bolivianos, que são a segunda comunidade de estrangeiros de São Paulo¹⁰, estes encontram resistência na educação da segunda geração, embora a grande mídia noticie que, em 5 anos, alunos de outros países dobraram em SP. Em 2013 eram 2.448 e em 2017 são 4.747. Mais da metade desses estudantes de escolas públicas são filhos de bolivianos, ocupando 2.457 das vagas, o que significa mais de 50%.¹¹ Oxalá esses números atuais estejam fazendo frente às denúncias feitas por Judith Colque Choque, imigrante boliviana, entrevistada no pequeno documentário de Zanini H., publicado em janeiro de 2011¹². Segundo Judith, as crianças bolivianas sofrem discriminação e preconceito nas escolas onde estudam, sugerindo que carecem de uma escola específica para elas, tal qual ocorre com imigrantes coreanos. Da mesma forma, a imigrante reivindica o direito a um hospital próprio, onde não sofressem discriminação.

Ainda que possa compreender suas reivindicações, como interculturalista, não coincido com o ponto de vista de Judith, porque só resolveremos os problemas de preconceitos raciais, conhecendo e reconhecendo as diferenças que nos constituem como seres humanos. Não se espera que haja escolas ou hospitais para receber haitianos, bolivianos ou venezuelanos, seja em São Paulo ou em Roraima. O que se espera como política pública é que haja escolas, hospitais e universidades onde todos possam ser acolhidos, proporcionando uma troca que só contribuirá para nosso crescimento como pessoas.

Os problemas de indígenas bolivianos que vivem no Brasil não são menores em seu país. Segundo Silvia Rivera Cusicanqui, na Bolívia (e não apenas lá) se mantém vigente uma situação de “colonialismo interno” (2010, p.19), ao qual a ativista se dedica há muitos anos, desmascarando discursos oficiais que exploram trabalhadoras da produção têxtil em nome das tradições andinas. A autora tem ciência de que no modelo colonial as palavras podem velar sentidos em lugar de designá-los. Explicitamente, afirma que:

Los discursos públicos se convirtieron en formas de no decir. Y este universo de significados y nociones no-dichas, de creencias en la jerarquía racial y en la desigualdad inherente de los seres humanos, van incubándose en el sentido común, y estallan de vez en cuando, de modo catártico e irracional (CUSICANQUI, 2010. p.20)

¹⁰ Informação recolhida em <http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2013/06/1295108-bolivianos-se-tornam-a-segunda-maior-colonia-de-estrangeiros-em-sp.shtml>, com acesso em 25/11/2017

¹¹ Informações recolhidas em <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2017/08/1910228-onda-estrangeira-forca-adaptacao-de-escolas-da-rede-municipal-de-sp.shtml>, com acesso em 26/11/2017

¹² O documentário pode ser visto em <https://www.youtube.com/watch?v=KKVW6ZtA1nk>, com acesso em 18/06/2018.

Penso que nosso país está perfeitamente circunscrito na fala de Cusicanqui, seja quando pensamos nos povos indígenas ou nos afrodescendentes. Faz pouco tempo que esses discursos vieram à tona e estamos testemunhando debates nem sempre inteligentes e respeitosos. Ao contrário, o aparecimento de discursos em defesa desses grupos historicamente minorizados (ou mesmo apagados) está tirando a máscara da sociedade até então conhecida como cortês, permitindo-se a manifestação de grupos fascistas, seja por questões raciais ou de sexualidade, conforme fartamente se acompanha hoje nas mídias brasileiras. Melhor do que eu, a ativista *aimara* fala disso, tomando seu país, a Bolívia, como referência:

Yo creo que ahí se desnudan las formas escondidas, soterradas, de los conflictos culturales que acarreamos, y que no podemos racionalizar. Incluso, no podemos conversar sobre ellos. Nos cuesta hablar, conectar nuestro lenguaje público con el lenguaje privado. Nos cuesta decir lo que pensamos y hacernos conscientes de este trasfondo pulsional, de conflictos y vergüenzas inconscientes. Esto nos ha creado modos retóricos de comunicarnos, dobles sentidos, sentidos tácitos, convenciones del habla que esconden una serie de sobrentendidos y que orientan las prácticas, pero que a la vez divorcian a la acción de la palabra pública (CUSICANQUI, 2010, p. 20)

E quando a palavra pública está orientada por uma categoria política que defende um projeto inescrupuloso como a Escola sem Partido¹³, a luta se faz mais urgente e mais incisiva. E se cada um deve lutar com suas armas e suas estratégias, as minhas são as palavras e as interações com meus alunos em formação profissional. Juntos vamos aprendendo com as experiências de outros e de nós mesmos para, então, escrevermos uma história da qual nos orgulhemos.

No Equador também há conflitos de todo tipo, mas quero chamar a atenção para um dos aspectos estudados por Catherine Walsh. A autora nos esclarece que naquele país,

[...] las identidades negras y su producción cultural y epistémica quedan invisibilizadas en las propuestas indígenas, contribuyendo más aún a la subalternización de los afroecuatorianos ya no sólo por la sociedad dominante sino también por el movimiento indígena. (WALSH, 2006, p.34)

Sempre que penso nisso, me assusto. E me lembro de um episódio ocorrido durante uma partida de futebol do Cruzeiro (Minas Gerais) contra o Real Garcilano

¹³ Para melhor compreensão do tema, sugiro a leitura de FRIGOTO, G. (Org.). *Escola “Sem” Partido*. Esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, LPP, 2017.

(Peru), ocorrida em Lima em fevereiro de 2014, quando um jogador negro brasileiro, Tinga, foi ofendido pelo público presente, que o chamou de ‘macaco’¹⁴.



Olhando a fotografia no diário que publicou a notícia, fica evidente que parte daqueles manifestantes trazia em suas expressões faciais marcas das ancestralidades indígenas, embora repetissem ações aprendidas nos discursos colonizadores. Nos países andinos se nota uma hegemonia de indígenas contra afrodescendentes, que, de certa forma, explica esse tipo de discurso e ação fascista ou colonial, combatida pelos autores que propõem o “giro descolonial”. Walsh encerra a discussão, afirmando:

Por lo tanto, las luchas afros en contra de la colonialidad (del poder, saber y ser) son dobles. A la diferencia de los indígenas, son luchas que tienen más que ver con asuntos enraizados en la existencia misma que con la transformación política y social (aunque eso también se mantiene como meta). Mientras que para el movimiento indígena la interculturalidad es un principio ideológico que debe guiar la transformación de estructuras e instituciones estatales y sociales (una forma de descolonización de lo de afuera), para los pueblos afros el proceso es más bien desde adentro: la afirmación, el fortalecimiento y la descolonización "casa adentro" como paso necesario y anterior a lo de afuera. (WALSH, 2006, p.37)

Tenho aprendido com esses autores e quero ser otimista como Mignolo, ao acreditar que o “El pensamiento des-colonial anuncia el cierre del pensamiento hegemónico de la Modernidad eurocentrada” (2006, p.20). O que se aprendeu com a colonização de nossos países precisa ser a base para a redefinição de nossas ações, que devem estar na contramão do apagamento de grupos, da hegemonia de uns sobre outros. E só vejo uma saída: professores e alunos descolonizados. Vai demorar um tempinho e

¹⁴ Notícia publicada no Estadão em 13/02/2014: <http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol.derrota-do-cruzeiro-no-peru-e-marcada-por-racismo-contra-tinga,1129684> , com acesso em 15/02/2014.

por isso não podemos mais perder tempo. Como professora de Espanhol fica evidente para mim que a língua e as culturas de herança desses imigrantes precisam ocupar a atenção de políticas públicas na área da educação, pois só assim os veremos como parte de nós mesmos. Afinal, como emigrantes também sempre esperamos dos países do Norte que fôssemos incorporados àquelas nações. E a primeira porta é a língua, entendida aqui como forma de manifestação intercultural.

REFERÊNCIAS:

- BRASIL. Resolução CNE 02/2015 que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial e continuada de professores. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília, 2015.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *“Oprimidos pero no vencidos”*. Luchas del Campesinado Aymara y Quechwa 1900-1980. La Paz: WA-GUI, 2010.
- CUSICANQUI, Silvia Rivera. *Ch’ixinakax utxiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores* - 1a ed. - Buenos Aires: Tinta Limón, 2010
- FIORAVANTI, Carlos. As raízes da resistência. *Pesquisa FAPESP 236*, outubro de 2015, p.16-23.
- MIGNOLO, Walter D. El desprendimiento: pensamiento crítico y giro descolonial. In: WALSH, LINERA, MIGNOLO. *Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento*. Buenos Aires: Del Signo, 2006, p.9-20.
- OLIVEIRA, Gabriela Camargo de; BAENINGER, Rosa. A segunda geração de bolivianos na cidade de São Paulo. In: BAENINGER, Rosana (Org.). *Imigração boliviana no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012, p.179-194.
- PARAQUETT, Marcia. A língua espanhola e a linguística aplicada no Brasil. In: *Abeache*. Revista da Associação Brasileira de Hispanistas, ano 2, número 2, ISSN 2238-3026, 2012, p.225-239.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- WALSH Catherine. Interculturalidad y colonialidad del poder. Un pensamiento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial. In WALSH, C. GARCÍA LINERA, A., MIGNOLO, W. *Interculturalidad, descolonización del estado y del conocimiento*. Buenos Aires: Del Signo, 2006, p.21-70.

Data de recebimento: 04/09/2018
Data de aprovação: 03/12/2018